

PENSANDO A CRIAÇÃO
DA PERSONAGEM DE

ATERRADA

A PARTIR DA CONSTRUÇÃO
DO CONCEITO FEMININO



BIANCA ZAMPIERI

“Escrevo a partir da feiura e para as feias,
as caminhoneiras, as frígidas, as mal comidas,
as incomíveis, as histéricas, as taradas, todas as excluídas
do grande mercado da boa moça. (...)
Me parece formidável que também
existam mulheres que gostem de seduzir, que saibam
seduzir, e outras que saibam se casar, que existam
mulheres que cheirem a sexo e outras à merenda dos filhos
que saem do colégio.”

Virginie Despentes - Teoria King Kong

agradecimentos

à mamain, por ter me dado tudo ainda que não tivéssemos muito. esse trabalho só pôde ser feito porque ela existe.

obrigada pelos livros, pelas viagens à perder a conta, pelo despudor necessário, pelas noções de máxima higiene, por me ensinar como construir e manter um caráter insubordinável e por ter me ensinado que a gente demonstra o que entende por amor de inúmeras maneiras;

aos amigos, - que são os melhores - pela presença, pelos olhares cirúrgicos, pelas melhores risadas estridentes, pelo afeto nunca cobrado ou forçado, por me lembrarem quem sou quando necessitei e pela compreensão da minha ausência nesse momento. eu tenho orgulho e respeito por essa família que escolhi formar;

aos meus sobrinhos, que me permitem brincar com 25 anos e me fazem lembrar que eles possuem os elementos basilares para fazer teatro: verdade, jogo, fé cênica e o estado presente. o realismo fantástico não é requisito, mas é bálsamo;

às minhas irmãs, que me acompanham, me incentivam e que irão me fazer refletir sobre ser mulher para sempre;

ao Thiago, pelo companheirismo e amor durante a maior parte da minha jornada acadêmica, e pela ajuda para embelezar este trabalho;

aos meus professores – que também são os melhores – por incentivarem a rebeldia de seguir estudando como arma revolucionária, por cada dia me fazerem pensar mais e ser menos ignorante. agradeço principalmente à minha orientadora, por oferecer apoio integral à minha subjetividade de forma analítica, mas sempre amorosa; à minha banca avaliadora, por terem aceito o convite de participar na fase final desta caminhada.

sumário

ficha técnica de Aterrada	06
recomendações de voo para banca avaliadora	07
introdução não, intrusos	08
voz memorial	
a. a criação da personagem feminina da atriz ou como fui aprendendo que era mulher	09
b. coisas que escrevi na hora da sesta	11
c. É MULHER, É MENINA	14
d. Feminista interseccional	15
voz da personagem	
e. a piloto	17
f. a construção da personagem	19
voz das influências teóricas	32
anexos	34

ficha técnica de Aterrada

Elenco: Bianca Zampieri

Direção: Maurício Casiraghi

Baseado na obra de George Brant, “Grounded”

Tradução do texto: Bianca Zampieri e Maurício Casiraghi

Operação/criação de luz: Iassanã Martins

Operação de som: Thainan Rocha

Figurino: Caio Uniformes Militares

Orientação: Patrícia Leonardelli

Crédito das fotos de divulgação: Iuri Minfroy/Mauricio Casiraghi/Caio Jaeger/ Adriana Marchiori

Aquecimento para as apresentações: Felipe Araújo Luz

recomendações de voo para banca avaliadora

Em virtude da possibilidade de pesquisa em metodologias de escrita criativa e performativa, desenvolvi este Trabalho de Conclusão de Curso não cumprindo os protocolos de escrita técnica ou científica, academicamente falando, protocolos estes que têm seu uso facultativo no desenvolvimento dessa espécie de trabalho, no campo das Artes. Junto com minha orientadora, a Profa. Dra. Patrícia Leonardelli, optamos por dar sequência a uma escrita que contemplasse o fazer e o refletir artístico sendo entrecruzados pelos campos da memória pessoal e coletiva que nos perpassam enquanto tecemos teias no trabalho teatral, e que aqui, serão celebrados. Mais que isso, protagonizam e abrem espaços na feitura do escrever. O formato e o conteúdo deste trabalho não estão estabelecidos por regra alguma, são apenas voos que permiti a aterrissagem para o papel, ao refletir meu processo de trabalho no Estágio de Montagem de Aterrada e quais foram meus focos de estudo para a composição da personagem, assim dando sequência à essa construção teórica.

Para justificar o uso desse procedimento, utilizo as definições de Belidson Dias a respeito da Metodologia em Artes, denominada A/r/tografia, “A a/r/tografia é uma forma de ABER que foi originada por Elliot Eisner em cursos de pós-graduação na Stanford University, nos Estados Unidos, entre os anos de 1970 e 1980. Ele buscava a arte como o elemento essencial para o desenvolvimento de pesquisas. O referencial teórico da A/r/tografia está na fenomenologia, no estruturalismo e no pós-estruturalismo de Ted Aoki, William Pinar, Madeleine Grumet, Patrick Slattery, Van Manen, Elliot Eisner, Michel Foucault, Jean-Claude Nancy, Gilles Deleuze, Merleau-Ponty, Felix Guattari, Jacques Derrida, Judith Butler, Julia Kristeva e Joe Kincheloe. A/r/tografia busca o sentido denso e intenso das coisas e formatos alternativos para evocar ou provocar entendimentos e saberes que os formatos tradicionais da pesquisa não podem ou conseguem fornecer. Mover-se para além das tradicionais dissertações fundamentadas em texto para acolher discursos complexos possíveis e comuns dentro das artes gera um sistema novo de troca, onde a pesquisa educacional, baseada em arte, se revela como uma modalidade provocativa de fazer pesquisa. A/r/tografia é inerentemente social quando grupos ou comunidades de a/r/tógrafos juntam-se para abocar, atrelar, acoplar, engajar e vincular-se em pesquisas comuns compartilhadas; agem como amigos críticos; articulam uma evolução de problemas de pesquisas; apresentam seus evocativos e provocativos trabalhos coletivos a outros.”

Desde já desejo uma boa leitura - e uma boa viagem.

introdução não, intrusos

Introduzir é também fazer uma cena, galantear, paparicar meus convidados, ser a anfitriã dos meus assuntos para a conquista... pois bem, eu vou confiante de que a minha maneira de relatar o que aqui penso, é sempre o arriscado sincericídio¹. Agrada a quem agradar, infelizmente ou felizmente. Mas se Clarice Lispector diz que a gente nunca sabe qual é o defeito que mantém nosso prédio erguido², louvemos o lote.

Teoria e prática irão se misturar nessa análise, afinal, todos os apontamentos que aqui fazem morada, foram espelhados e maturados no meu processo como atriz solo em *Aterrada*. Ou antes de tudo, como uma mulher solo, que carrega muitas outras nos genes, no inconsciente e na admiração. Já lhes adianto que aqui haverá corpos. Físicos, imagéticos, poetizados e teatrados. Intrusos. Não é novidade. Teatro é feito da carne e nas carnes, que cedem morada provisória para as personagens, outras intrusas. No entanto, ainda assim alguns corpos estarão mais mobilizados que outros nessa narrativa - que alguns conhecem por Trabalho de Conclusão de Curso, ou simplesmente, TCC. As três vozes principais desses corpos que sobressaem nesta análise, estarão nomeadas como:

1. voz memorial; 2. voz das influências teóricas; 3. voz da piloto.

Elas nem sempre estarão sinalizadas assim, mas habitarão essa trajetória de maneira individual ou conjunta. Essas vozes estão categorizadas dessa forma para nortear os pontos-chave da própria vivência desse trabalho. Foi através desses entendimentos que experimentei a piloto que aqui vos conta essa história.

Vamos às apresentações...

O universo que escolhi – ou fui escolhida – para desenvolver no meu Estágio de Montagem em Atuação orbitava acerca da atmosfera que nos habita, a no mínimo, dez mil metros de altitude, a partir do ponto de vista e dos relatos de uma piloto da Força Aérea Americana - personagem principal da peça. Resumidamente, ao engravidar, a piloto se vê forçada a abandonar o céu por uma casa no subúrbio de Las Vegas. Ao retornar à vida laboral, as guerras já não são mais as mesmas e os lugares já não são mais os mesmos. No entanto, ela continua procurando no céu o que aqui embaixo ela não encontra.

É a partir dessa mulher que eu encaixo, penso, repenso, construo e reconstruo todas as outras mulheres. Assim como todas as coisas que pensei sobre as mulheres durante a vida. Qual seria um lugar melhor que o teatro para pensar uma construção e realizar uma construção? Pode até existir - não para mim -, porque é aqui que encontro o meu assoalho. Merda.

1 Pecar por excesso de sinceridade. Para maiores informações, consultar voz das influências teóricas.

2 “(...) até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro. (...)”. Trecho retirado de uma carta de Clarice Lispector para sua irmã Tania Kaufmann em 6 de jan. de 1948. Consultar voz das influências teóricas para maiores informações.

voz memorial

a criação da personagem

feminina da atriz

ou

como fui aprendendo

que era mulher

aprender por processo de dor, cair e estar posta de novo, como sempre, como sempre vou fazer. eu me ensinei a maior parte das coisas que sei pela dureza, pela crítica que tolheu sonhos, pedras, pessoas invisíveis, pessoas que aparecem na tela mental na hora da sesta, risadas, cavalo correndo doido pelo campo, na dança que faço porque sei escutar meu corpo e por isso posso estar em freestyle. giramos diariamente e hoje a volta que faço é ao contrário, não porque rebeldia me cai bem, mas porque posso. posso dar voltas em mim mesma, porque piso forte, ainda conservo a cara e o bico de brava, mas tenho asas também e posso emprestar pra gozarmos juntos. e foi assim que aprendi a amar as minhas contradições, baixar o olhar e ver que repousei um chicote sempre afiado, entendi porque existe luz e sombra, que me afastam e me aproximam do que eu sou, do que eu penso que eu sou e de todos esses possíveis eus que me compõem. e eu danço, eu danço todos os dias da minha vida, enquanto pico repolho, caminhando sozinha, quando deito e escuto a minha própria respiração se acalmar. ainda dá tempo de ter castelo, crocodilo, mar e a guerreira que eu juro ser, dessa vez eu sou a própria heroína que precisa dela mesma – isso meu melhor amigo já me avisou – para poder continuar emprestando armas para mundos-válvulas-de-escape quando sufoca a poeira dos dias.

Eu era uma jovem de 14 anos quando comecei a fazer teatro. Dionísio que me socorresse. Eu mesma não estava fazendo muito para me ajudar naquela época. Eu estava apenas me retirando da carcaça punk anarquista que ficou comigo instalada por um bom tempo. Precoce. Sempre precoce. Coisa de caçula, talvez. No mais, mamain (não abro mão da ingramática que sempre uso ao me referir a ela) precisava ser irritada o quanto mais e melhor eu pudesse, porque eu realmente não podia muito - a casca materna era duríssima de roer.

Então estava eu em plena adolescência aprendendo a existir na frente dos outros, eu que fazia de tudo para poder me esconder de mim mesma, mesmo que sempre me buscando, ambivalentemente. Então com essa idade, eu aprendi a falar. O teatro me obrigou a falar, porque eu me obriguei a aprendê-lo – obviamente, sigo nessa jornada -, porque eu sempre me obriguei a adentrar no que me fosse mais remoto e penoso. Que no fundo, sou eu mesma. Foi nessa época que comecei a entender que as ideias que considerava URGENTES precisavam ser ditas, dançadas, coreografadas, improvisadas, encenadas. Do jeito que fosse, eu precisava respirar outra coisa que não fosse o meu cotidiano estreito. Eu não falava, mas sentia que precisava.

E eu me perguntava, para que tanta superação, tanto risco, tanta entrega? Qual é a sua necessidade de se sacudir e sucumbir inteira? Sem retorno financeiro para as contas da casa que logo vencerão? Por quê? – dizia minha família & amigos & instituições falidas & sistema econômico brasileiro & mente intelectual ao encostar a cabeça no travesseiro antes de dormir. Porque você vai morrer – dizia o sol no outro dia.

Atravessando diariamente abismos de horror psicológico, eu ia me perseguindo junto do teatro, ao tentar dar formas aos jeitos de voar, de convidar alguém para ir junto e ainda, e acima de tudo, de se divertir comigo naquele momento. Ensino esse que levo comigo bem aproximado do corpo - que você deve achar um jeito e se divertir ao encontrá-lo. Estava eu indo atrás de encontrar um jeito de contar uma história e não somente a minha, empírica. A contagem de história nos fez e nos fará sobreviver. O teatro salvou a minha vida quando eu aprendi a falar, porque eu aprendi a me conectar com o objeto de exploração.

O teatro não ensina um “como procurar” apenas a níveis artísticos de expressão. Ele não faz um artista estar presente para uma cena e depois rua. Ele vai moldar a maneira como se consegue resistir daqui para frente. Ele e todas as áreas de expressão vão te permitir a busca e a possibilidade de encontrar espaços vazios, espaços de respiro quando a rotina estiver cegando e mecanizando, como sugere meu poema histórico. E você talvez não dê crédito para isso porque parece pequeno e substituível, mas se você não estivesse rodeado por arte, você deixaria de existir, justamente porque para seguir vivo, há de se estar respirando.

Sendo assim, descobri o teatro depois de me descobrir mulher, de me depositarem mulher. Inicialmente, até fazer o reconhecimento do que isso significa e como isso é mediado, é como um fardo, um legado, que são tão antigos que parece que foram acoplados como uma película resistente ao corpo. Fizem-me mulher – não havia meio de saber que poderia ter sido diferente ou não -, me fiz teatreira – aqui começo por escolher -, me fiz feminista, por último. Feminista interseccional, por sinal, devido às tantas vertentes que embarcam esse lutar pela vida. O teatro me levou de novo, ao perguntar infinito. Agradeço.

O teatro não ajudou a construir esse feminino para mim, ele cedeu lugar para que eu viajasse ainda mais com todas as construções cênicas mulheris que tive a oportunidade de integrar. Em primeira mão, fui construída pela cartilha do que mamain entendeu por ser mulher e hoje em dia, trato de estudar os aspectos que quero manter e quais outros agradeço, mas refuto. No entanto, ao apaixonar-me por uma piloto norte-americana, sinto-me repelida, como na intuição amorfa de Peter Brook¹, a pousar os olhos nos reflexos que a minha construção humana e basicamente feminina, poderiam fazer de leitura dessa personagem tão cheia de camadas e complexidades – como eu gosto, diga-se de passagem.

1 Intuição amorfa de Peter Brook é uma intuição profunda, podendo ser um elemento qualquer para dar partida nos processos de criação. Vide voz das influências teóricas.

COISAS QUE ESCREVI NA HORA DA SESTA

assumir a minha identidade cultural
assumir a da piloto
aportar ao feminismo interseccional adicionando as suas teorias
justamente
por isso
não ditar cartilhas de como viver
mas expor uma vida como ela foi
vivida e pensada
descolonizar a si mesma
dos mandamentos burros
orai e vigiai
parar de citar o professor Mesac mas continuar enfiando
a mão no vespeiro

Ser mulher, do jeito que era proposto e subentendido, sempre foi um desconforto para o meu corpo, para a minha atração natural para a rebeldia e para os meus modos não tão classificados dentro do conceito feminino.

Veja bem, eu parto de uma noção de construção de um ser e um estar feminino puramente senso comum. A mulherzinha feminina que todos conhecemos e dispensamos mais explicações por ser tão óbvia. A bela, recatada e do lar. A mulher que nem existe, mas que muitas vezes aprendeu que era o correto a se fazer e viveu o papel. Ou a que nunca se questionou a respeito e seguiu o fluxo. Ou a que nasceu para isso mesmo porque o formato lhe serviu bem. A questão é que essa mulher foi construída para satisfazer um protótipo desenhado por um homem frágil e carente qualquer. E se reproduziu. E continua se reproduzindo, mas não encontra mais tanto respaldo unânime. Estamos em 2019 e essa generalização de mulher me deixa absolutamente furiosa.

Essa generalização ainda acompanha o mito do feminino vinculado ao corpo da mulher. O feminino é uma energia que pode e está presente em todos os corpos, independente do gênero, assim como a energia masculina. Daí vem meu desconforto infantil e juvenil: eu abrigava a energia masculina em maior quantidade do que a feminina no meu corpo de mulher. E não havia nada de errado comigo. Eu só precisava de informação. Eu podia não ser doce e amável e vaidosa e calada e solícita e aberta como mandava a cartilha. Os mandamentos do comportamento me faziam sentir incômoda dentro do meu corpo - que eu adorava, apesar de tudo. E não entendia.

Então eu tentava me afastar de tudo que parecesse “de mulher” & “feminino eca”. Achava que não arrumando os cabelos, não falando futilidades, não me importando com disputas amorosas, transando para caramba, pisando forte, eu ia me afastar de ser mulher. Isso era o que eu entendia por ser mulher naquela época, com aquela idade e com o contexto que me rodeava. “Isso” e todas as coisas que eu achava serem coisas de “homens” são coisas de mulher. Qualquer comportamento é comportamento de mulher.

Para explicar melhor a fúria, o incômodo que gera e propaga a informação duvidosa de que a energia feminina tradicionalmente está associada à mulher. Feminino de fêmea, mas por que, por que a energia sutil e delicada está abarcada em maior proporção na mulher? Isso não dá para permitir, é uma esquizofrenia social, uma estupidez que acaba por oprimir e propagar um discurso equivocado entre o convívio e livre expressão dos corpos. Como afirma Lucia Romano, cujo pensamento vai ao encontro das minhas afirmações:

Verdades biológicas não podem ser referências únicas de comportamento moral ou social, nem, tampouco, de tratados estéticos. A arte (e o teatro) são bichos do tempo e negar sua frequente atualização pode impedir o seu melhor entendimento. (ROMANO, 2009, p. 34)

Como a devoção esperada como um dos atributos das mulheres, eu me sentia inadequada e sem muitas possibilidades de conexão comigo mesma ou com os demais, que me viam híbrida demais para isso. Eu falava putaria demais para as meninas, eu tinha pudores de menos para os meninos. Tudo isso também porque agradar e cuidar são o esperado da fêmea MULHER FEMININA PRINCESINHA DISNEY EM PERIGO. A minha piloto não vai escapar dessa ótica “recomendada”, em breve veremos. O lado positivo é que como eu, ela também não se importa.

Endossando esses conceitos, Carol Gilligan em seu livro “Uma Voz Diferente” aponta as diferenças cruciais das vivências entre homens e mulheres, nesse sentido dos acontecimentos de si mesmo “E devido ao senso de integridade das mulheres parecer interligado com uma ética do cuidado, de modo que se verem como mulheres é se verem num relacionamento de conexão, as principais transições nas vidas das mulheres pareceriam envolver mudanças no entendimento e atividades de cuidado. Certamente a passagem da infância à vida adulta assiste a uma redefinição vultuosa de cuidado. Quando a distinção entre ajudar e agradar isenta a atividade de tomar cuidado do desejo de

aprovação por outros, a ética da responsabilidade pode tornar-se uma âncora escolhida por vontade própria da integridade pessoal e da força.” (GILLIGAN, 1984, p. 183)

Nos períodos da infância e da adolescência o que mais me incomodava eram esses rótulos aplicados, exaltados e tidos como norma pelo sistema hegemônico. De adulta, o incômodo mudou para mim, para o meu corpo. Essas não são mais as minhas questões, pois foi um longo caminho, o da aceitação.

O CAMINHO É SELVAGEM, O CAMINHO É SOLITÁRIO AY AY AY²

Eu só precisava olhar para os lados. Eu estava rodeada de mulheres. Com minha mãe aprendi o despudor, a língua afiada, a falar sem medos, a gostar de maquiagem e de não me maquiagem também, a não obedecer homem algum (pois não havia) (meu pai era apenas um visitante em casa a cada 15 dias até retirar sua presença totalmente); com minha irmã do meio, que jogar futsal e fazer chapinha podiam ser perfeitos um para o outro, com outra irmã, aprendi a gostar de ficar em casa, cozinhar e ver a cozinha brilhando; e com a mais velha, aprendi que a gente foi feito para voar e morar onde a gente quiser. No fundo, não é sobre o que a gente gosta ou escolhe, é sobre ter a possibilidade de. E ser respeitada.

2 Canção “Killers Who Are Partyng” de Madonna.

É MULHER. É MENINA.

FATO BIOLÓGICO? OK.

IDENTIFICAÇÃO COM O GÊNERO? OK.

AFIRMAR QUE O QUE NOS FOI ENTREGUE PELA NATUREZA, CONSIDERANDO O GÊNERO NESSE CASO, PREDEFINE UM COMPORTAMENTO? NÓS VAMOS BRIGAR.

NATURAL É NATURAL.
CULTURAL É CULTURAL.

ESCREVO ESSE RELATO EM LETRAS GARRAFAIS PROCURANDO CONSOLO IMAGÉTICO NESSE TEXTO LEMBRANDO QUE MAMAIN, GRÁVIDA DE MIM, OUVIU DA SUA GINECOLOGISTA O SEGUINTE, POR QUERER SIGILO E MISTÉRIO COM RELAÇÃO AO SEXO DA CRIANÇA QUANDO REALIZAVA AS ECOGRAFIAS "MARA, PARA DE CHAMAR ESSE BEBÊ DE MENINO PORQUE TU PODE TER UMA MENINA E ELA PODE SER BEM DANADINHA, MASCULINIZADA!".

ENFIM ME ADMIRO MUITO UMA MÉDICA AO CONSTAR A MINHA NATUREZA DE FÊMEA, QUE É UM ASPECTO NATURAL, BIOLÓGICO, E DISSO ELA DEVE ENTENDER BEM, COMETER A INFAMIA DE MISTURAR NATURAL COM CULTURAL.

NATURAL É BIOLÓGICO.
CULTURAL É CONSTRUÍDO.

Feminista interseccional

Quando entrei na Universidade e comecei a estudar com bibliografias específicas sobre os assuntos de gênero, me dei conta de que as generalizações precisavam ser feitas para chegar a um público alvo, para comunicar com alguns grupos específicos, tópicos específicos. Nos estudos de gênero, descobri as teorias feministas. Dentro disso, se supunha que o bê-á-bá da explanação pedagógica feminista estaria ali. Realmente estava. A maior quantidade de livros feministas que li até hoje é sobre a didática feminista. Hoje em dia, com o assunto borbulhando por se propagar na facilidade, baixo custo e rapidez que as redes sociais proporcionam, sinto que ainda há uma necessidade muito grande de primeiro entender o que significa feminismo de fato, quais são os mitos que continuam com o intuito de difamar o movimento e aonde, cada mulher, com suas especificidades, se conectam nessa rede. O que é um processo natural de aprendizagem, claro, mas ao mesmo tempo, percebo que muito do assunto para por aí e não se aprofunda muito mais; a repetição dentro das publicações, dentro dessas mesmas redes sociais, é muito frequente, e nos deparamos seguidamente com a contínua e repetitiva temática sobre a introdução básica feminista.

O que inicialmente é maravilhoso, porque mostra uma necessidade e talvez uma busca por políticas de comportamento social que amparem, indiquem novos caminhos ou expliquem porque as coisas acontecem da maneira como acontecem. Logo, porque elas se repetem ao longo do tempo. Afinal, são os corpos das mulheres que precisam desse olhar de cuidado e respeito, já que invariavelmente são corpos mais desprotegidos e injustiçados no meio. É necessário também pontuar que dentro do grupo de mulheres, as variáveis que nos distinguem e nos aproximam são muitas e podem ser abismais; fatores como raça, classe social, deficiência física, etc., devem ser balizados para melhores entendimentos e condutas.

Outro aspecto positivo é que com essa demanda, porque sim, feminismo hoje em dia é uma demanda – e necessária, não somente pessoas com poderes aquisitivos mais elevados também têm acesso a esse conteúdo e problemática. As mídias, o marketing e o próprio capitalismo também já fazem uso desses discursos, de maneira oportunista sim, por assim dizer, mas muitas vezes é a aproximação inicial para alguém que não possui nenhum conhecimento sobre o tema. Certamente esses setores ainda utilizam os mesmos esquemas machistas e patriarcais em relação à sua mão de obra, sobressaindo como bons moços atuais ao esconder a forma de produção e tratamento dos bastidores, por continuar sendo a mesma de sempre, a exploração. Mas o que os olhos não veem, o coração não sente, não é mesmo?

O aspecto negativo, com relação a nossa forma de interagir com a teoria, é que os discursos opressores - por ação dos próprios pensantes -, começaram a ser mais fortemente discutidos, e como mencionei anteriormente, vamos até um ponto e paramos a discussão com a reformulação da teoria e de nós mesmos, justamente nos discursos das minorias, que estão sendo bastante provocados nos nossos dias atuais. Sinto como se estivéssemos no caminho de descristalizar um padrão opressor para analisá-lo, discutir os pontos-chaves, mas logo o mesmo discurso esvazia-se e volta a cristalizar-se. Se queremos fazer a verdadeira mudança e despir os véus sem hipocrisias, precisamos estar sempre repensando. E abertos. Abertos às críticas, principalmente. Não é porque criticamos um ponto dentro do movimento – no meu caso, o feminista – que estamos contra o movimento. Estamos apenas tentando e testando os reajustes. No entanto, noto que muitas vezes as críticas são consideradas traições ou falhas intelectuais daquele que critica. Esquecemos que todas as teorias, comportamentos e teorias dos comportamentos foram feitas por pessoas e que por isso são passíveis de erro também.

Após a descoberta teórica das reflexões mulheris, comecei o trabalho de conectar a minha própria vida dentro daqueles ensinamentos e perspectivas; o que pode ser libertador, quase salvador,

como altamente perigoso, já que para avaliar a própria vida é necessária uma tomada de consciência pessoal e social bastante profunda. As teorias feministas são diversas e me senti mais conectada à teoria interseccional³. Ainda que continue sonhando alto com a proposição de Paul Beatriz Preciado⁴ em seu Manifesto Contrassexual,

No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. (PRECIADO. 2004, pg. 12)

Essa passagem de Preciado me faz pensar nessa plenitude sem mais julgamentos. Uma plenitude tão cara nesses tempos cafonas. Somos cafonas e antiquados, quem sabe um dia nos liberemos dessas amarras que nós mesmos nos propomos a bancar como sociedade. A partir de todo esse jogo memorial e de iniciação feminista, é que a minha piloto nasce. Ela vai ser a filha que voa, ainda que tenha sido criada por essa mãe, com essa cabeça. Essa cabeça de hoje. E que essa cabeça me perdoe e ache graça quando voltar a ler essas páginas daqui a 20, 30 anos. Eu espero rir alto de mim mesma pensando o quanto estava engatinhando nas minhas veredas, mas engatinhando de forma honesta, pelo menos. Espero não retroceder, não encaretar e continuar acumulando bagagem. Eu me desejo uma boa viagem.

3 “O feminismo interseccional (ou intersec) é uma das vertentes do movimento feminista. Ele diz respeito às intersecções ou recortes de opressões e vivências que devem ser feitos quando se for analisar as estruturas sociais de dominação-exploração, assim como os sujeitos que são atingidos desfavoravelmente por elas. As feministas intersecs defendem, por exemplo, o recorte de gênero, de condição de gênero, de etnia, de classe, de orientação sexual, pois reconhece-se que as mulheres não sofrem todas juntas as mesmas opressões e que nem sempre a mulher está em situação de desvantagem nas relações de poder na sociedade, pois estas não se configuram somente no sistema patriarcal tendo em vista que existem outros sistemas de opressão que envolvem etnia, classe, sexualidade etc.” (SOUZA, Lizandra). Informações em voz das influências teóricas.

4 Na época da publicação de “Manifesto Contrassexual” Paul Beatriz Preciado reconhecia-se como Beatriz Preciado. Vide influências.

VOZ da personagem

a piloto

A minha piloto em “Aterrada” é uma personagem criada por George Brant, para sua obra “Grounded”, sobre a qual eu fiz todo o meu estudo para o Estágio de Montagem em Atuação no Departamento de Arte Dramática na UFRGS. A peça não possui tradução oficializada em português, tendo sido eu e Maurício Casiraghi, diretor da peça, os tradutores do texto. Mantivemos o mesmo nome correspondente na tradução, e carinhosamente montamos “Aterrada”, que teve suas apresentações em finais de outubro de 2019, na Sala Alziro Azevedo.

A personagem surgiu como inspiração para George Brant a partir de uma fotografia. Na foto de Shlomit Levy Bard que encantou o autor, está posando uma piloto da Força Aérea Americana, uniformizada, grávida aos 37 anos, segurando seu capacete de voo ao lado da barriga. A Piloto é Maj Stephanie Kelsen apelidada de “Vapor” –, nome este que utilizamos para designar o seu tão amado avião na peça, como homenagem a ela, já que detestávamos o nome original “Tiger” proposto pelo texto. Achamos uma bela brecha para fazer a troca de nomes, satisfazer nossas preferências e colocar ainda mais da Stephanie na peça.

Na época da foto, a piloto já se preocupava com as complicações no retorno à profissão após o nascimento do filho, nesse momento estando totalmente impossibilitada de pilotar por risco de ejeção. Em caso de uma possível ejeção, que é altamente danosa ao corpo humano, um aborto seria imediato. Todas essas mesmas informações estão presentes na peça e são elementos fundamentais para compreender o que essa mulher está vivenciando nesse momento tão decisivo.

No monólogo, ao engravidar, a piloto se vê forçada a abandonar o céu por uma casa no subúrbio de Las Vegas. Ao retornar à vida laboral, as guerras já não são mais as mesmas e os lugares já não são mais os mesmos. Ao nascer a filha, a Samantha, ela percebe que o céu e a filha não podem existir no mesmo tempo-espaço, mas que os dois têm o mesmo peso na sua vida e nas suas decisões. E que os dois mundos que ela vive, são paradoxais e opostos: em um ela cuida, no outro aniquila.



Cena em que a personagem de Aterrada relata a descoberta da gravidez não planejada. Foto de Adriana Marchiori.

A vida dessa piloto vai nos convidar a conhecer as suas rotinas de trabalho, a solidão, a maternidade, o casamento, o céu, a vocação, a sensação de incompletude eterna, a hierarquia militar, a sua presença em um meio tipicamente masculinizado, a guerra, os danos da guerra, a mulher, a guerreira, a soldado, as readaptações, o cotidiano castrador. Na minha primeira leitura do texto, eu fiquei apaixonada. Foi como um tiro à queima-roupa.

O texto está todo permeado com um conhecimento militar, aéreo, bélico que eu não tinha familiaridade nas primeiras leituras. Ainda não tinha. Comecei a coletar as referências desse universo, sempre buscando as femininas, e foi um trabalho que demandou bastante tempo e dedicação, ainda que isso faça parte dos protocolos de criação de uma personagem.

Amelia Mary Earhart, Ada Rogato, Anésia Pinheiro Machado, Thereza Di Marzo, Bessie Coleman, Maria Pettersson, Maria Fagerstrom, Helen Van Dam, Carla Alexandre Borges, Raymonde de Laroche, Harriet Quimby, Jaqueline Ortolan Arraval, Valentina Tereshkova – todas pilotos -, foram minhas principais companhias e fontes de inspiração para recheiar meu imaginário, transmutá-lo e expandi-lo. Cada uma à sua maneira, com suas histórias e suas memórias, foi me ajudando a trilhar um caminho que precisei percorrer na constante descoberta de quem seria a minha piloto e como eu queria pilotá-la também. O diretor Robert Lepage, em entrevista para o Romaeuropa Festival (2015), comenta que o teatro, para ele, também significa viajar muito, metaforicamente.

Para Lepage, para mim, para minha piloto (e aqui o Word me corrige, pois não reconhece o feminino de piloto – pois bem), talvez o que o teatro nos esteja presenteando de mais bonito é a atmosfera que se instaura e se cria quando se entra ou quando se assiste um espetáculo; presenciar este encontro que embora ocorra apenas no presente, de corpo presente e em estado de efemeridade, se dá em outro tempo-espço como uma nova droga alucinógena e potente. Estar ali em comunhão entre espectador e ator, que se propõem a vivenciar esse jogo e esse encontro com o real deslocado

do cotidiano, ativando a capacidade sensível e receptiva mais empática que podemos reconhecer: a partilha amorosa.

a construção da personagem

Para iniciar os procedimentos de construção da personagem e concomitantemente, da atuação especificamente, comecei reunindo as questões que fomos elencando nas nossas reuniões prévias com o diretor e com a minha orientadora, em se tratando do desenvolver do progresso intelectual da personagem, levando em consideração os aspectos relevantes e salientes do texto original ou dos nossos próprios pontos de vista. Para o entendimento cada vez mais coerente e coeso da piloto, parto das inúmeras leituras que fiz do texto original da peça. Começo então, a busca pelas pilotos na vida real, que se dividem em muitas: as militares, as de voos comerciais, as que amam pilotar sem ter esse exercício como ofício. As figuras das mulheres militares que fui pesquisando virtualmente ou nas esferas cinematográficas comerciais ou experimentais, no geral, conectavam diretamente à imagem que eu procurava não negar ou oprimir, mas transformar da piloto original, segundo a própria proposta do texto, por reiterar o arquétipo de masculino dominante que passa do corpo construído dos homens como modelo para o corpo das mulheres.

A minha personagem no texto original, a todo o momento se aproxima dessa imagem. Como que para ser respeitada e incluída, há de se aproximar da ideia que temos que ser ou parecer másculos, ter expressões fortes, fala precisa - sentimentos e emoções fortemente suprimidas da fala -, ausência de interesse de qualquer banalidade ou futilidade, opressão, imposição, etc., ou seja, se eu trilhasse o caminho mais fácil, o caminho que me levaria à personagem endurecida e machista da obra, novamente estaria eu sendo reiterando um sistema patriarcal hegemônico que faz aludir a figura masculina como conhecemos pelo seu estereótipo, assim sendo, a figura suprema de poder. É claro que em alguns momentos essa brincadeira é feita, esse estereótipo é utilizado, porque mesclar elementos que a princípio não coincidem ou não se costumam com facilidade torna cada vez mais o trabalho passível de críticas, de análises e de diversão também, para pensarmos quais são os limites e porque eles existem e seguimos alimentando esses modelos de conduta. A quem eles interessam e a quem comunicam? Por que existem formas mais cabíveis e outras menosprezadas de se viver? Por que a energia mais sutil considerada feminina não pode ser valorizada mesurando os mesmos patamares de importância e relevância social que a masculina?

Esse pensamento não é uma alusão à crítica negativa nesse sentido – no sentido de que não seria “correto” a personagem ser masculinizada, nem com a abordagem que quis dar para construir a piloto – muito menos com fins de criticar essa figura, tendo eu, no mínimo, respeito absoluto pelas formas e escolhas que uma pessoa assume ao se apresentar para o mundo, e sobreviver nele. Como seria o caso das caminhoneiras, como exemplo quase máximo dessa comparação, que tendem a ter esse posicionamento e estilo de vida. Até porque, sinceramente, as caminhoneiras mostram para o mundo uma figura que a sociedade faz questão de discriminar e repudiar, porque são consideradas grotescas e incongruentes, graças à hegemonia binária, machista e heterossexual a que somos submetidos, não é novidade. Aqui registro meu respeito e admiração por quem se identifica. Seria patético e ignorante da minha parte realizar algo semelhante, tendo em conta que meu lazer e meu ofício como atriz basicamente resumem-se a pensar as pessoas e mostrar suas realidades, aproximando-nos assim do próprio amor, como Jerzy Grotowski escreve em “Para um teatro pobre”,

O teatro só tem significado se ele nos permitir transcender nossa visão estereotipada, nossos sentimentos convencionais e costumes, os nossos padrões de julgamento – não pela simples questão de fazê-lo, mas para que possamos experimentar o que é verdadeiro e, tendo já abandonado todas as fugas diárias e pretensões, num estado de completo desamparo, nos desvelar, nos entregar e nos descobrir. (GROTOWSKI. 1992, pg. 201)

O cerne da questão de eu preferir não ir alimentando esse comportamento é pelo fato de esse ser o comportamento esperado das mulheres, em um contexto masculinizado, como é o caso das Forças. Me parecia redundante, esperado e propulsor de um discurso que não faz mais tanto sentido assim, continuar reforçando um clichê e um molde defasado atualmente.

Pensando na piloto, mais que uma soldado, eu queria mostrar uma guerreira. Uma mulher, uma mãe, com seus defeitos e falhas. Já que, a propósito, a figura idealizada da mãe é outro problema e outro estereótipo. Eu não queria julgar a minha personagem por ela ser quem era. Nem por fazer o trabalho que fazia. Para a minha personagem, aquilo era o correto, gostando eu ou não, julgando eu correto ou não. Ela era convicta do serviço que prestava. E era exatamente essa realidade que eu queria mostrar.

Eu não desejava construir uma personagem seguindo um molde de cartilha da boa moça e boa feminista. Nós somos pequenos demais para pasteurizar assim as pessoas. Eu queria dar luz à uma vida como ela era, não como ela deveria ser. Esse não é o papel da arte. Essa não seria a minha maneira de expressar a minha própria subjetividade, afinal, eu gosto de ver sombra e luz nos personagens. Eu não me interessava por belas criaturas, com seus ares de perfeição que nunca atingiremos. Eu me conecto com o erro, com as tentativas, com as camadas, com o ridículo. É contraditório pensar que nos dá muita ira e senso de injustiça uma pessoa ser “má”, mas também uma correta demais ser esmagadora, chata e sufocante.

Embora eu não quisesse e não tenha ido por esse caminho para construir a piloto, eu queria mostrar uma mulher que não é uma feminista – muito ao contrário, seus discursos verbais são machistas, mas no comportamento utiliza um tema que para as agendas feministas tem relevância, que é a equivalência do trabalho. A piloto ocupa uma alta posição e patente em um cargo predominantemente masculino, ainda por cima. Nas ações, eu tenho uma feminista. No discurso, eu tenho uma pessoa ignorante de si mesma e das lutas que muitas pessoas travaram e travam diariamente para que ela possa usufruir disso que temos como um privilégio hoje em dia: conseguir sobreviver com um retorno decente financeiro.



A piloto passando as instruções de uma nova missão para a sua equipe.
Foto Adriana Marchiori.

Se para Valère Novarina, em *Cartas para os atores*, “Só é ator quem não consegue se habituar a viver no corpo imposto, no sexo imposto. Cada corpo de ator é uma ameaça a ser levada a sério para a ordem ditada ao corpo, para o estado sexuado.”¹, então sim, em *Aterrada*, esses corpos impostos - o feminino nesse caso - vai passar na peneira da análise desses estereótipos. Fato é que os estereótipos sempre estão congelados e ultrapassados. Além do mais, eles também abarcam os clichês e as generalidades, não se consideram as individualizações. É deles que surgem as generalizações e os arquétipos, sempre frágeis, supérfluos e contestáveis. Afinal, essa construção de pensamento binário é predominante desde o Renascimento, até hoje, mas em vias de luta pela reformulação e melhoramento desses entendimentos.

Então eu decidi transformar e mesclar alguns clichês, já que ela sendo mulher, americana, militar, mãe não planejada, esposa dentro de um contexto totalmente taxado, eu precisei fazer escolhas artísticas para dar sequência sobre o que eu almejava em termos de discurso para ela. No Teatro, somos propositores, geradores e difusores de discursos.

Eu gosto do jogo que se instaura ao mesclar o machismo que ainda nos habita - a menor ou maior grau - com a mulher que se acredita plenamente “empoderada”, analisar a reprodução sistêmica dos padrões opressores que as mulheres ainda continuam tendo com as próprias mulheres, seja nas intersecções ou no coletivo inconsciente, buscar borrar os limites maniqueístas do soldado; questionar o quanto ainda somos rasos quando acreditamos ter encontrado um caminho ideal para lutar e menosprezar os outros caminhos, de outras pessoas, estando elas na luta ou não. A minha forma preferida de gerar discurso e subjetividade é justamente provocar esse incômodo, essa fricção entre o bom senso e o absurdo, o correto e o lastimável, o generoso, mas ambicioso. Nada é excludente e essa premissa me acompanha. As cores existem nesse entremeio.

1 Vide voz das influências teóricas.

carta de amor para minha personagem em um momento de desespero

//////////será bagaceiro//////////

meu amor, você me desespera. você é bela. eu te amo só às vezes e quero ir de encontro até você, mas você também some, me escapa, não sei em qual canto escuro e remoto do meu cérebro eu te deixei. e você fica aí me marinando às escondidas. eu te odeio só às vezes e você me faz sentir uma bosta, feia, mas de repente me pega pela mão e gozamos juntas. meu amor você é tão minha que me foge. tem dias que você me fode. escorre pelas minhas mãos e se nega a voltar. mas eu também sei onde te encontrar, no fundo no fundo no fundo. sempre no fundo. no fundo, você me espera com paciência. no fundo do palco, na beirada de uma coxia, debaixo dos meus pés, no gosto que hoje tenho na boca, no olhar de alguém que acompanha minha busca por você, e você vira uma deusa. e eu te endeuso sozinha em casa, longe de tudo isso, onde você permanece silenciosa e dormente esperando que eu te acorde. eu te amo acima de tudo. você também sou eu. e eu sei que posso me amar verdadeiramente.

O professor Mesac Silveira sempre debateu em aula sobre o acontecimento teatral por ele “acontecer na encruzilhada de borrar tempos, espaços. É impossível segurá-lo e explicá-lo: é experiencial, é fenômeno. A nossa metodologia está sendo, não sabemos nem onde começa nem aonde chegará, é devir, é vir a ser. Fazer teatro é caminhar por regiões selvagens.” Evitar render-se ao medo desse fenômeno que acontece nas regiões selvagens, que habita o corpo do ator, que também é um alguém para fora da sala de ensaio, com sua vida mundana, mortal e cheia de sentimentos não tão elevados. É fácil demais cair nas armadilhas da proteção pessoal, da opressão criativa e do bloqueio quando nos sentimos ameaçados. Negar que me senti “ameaçada” pelo trabalho de executar *Aterrada*, em muitas ocasiões, não faria nada ser diferente ou deixaria de existir. Senti-me testada – e digo por mim mesma também – quanto ao que poderia produzir e manter em um solo e em um discurso.

Quando se compartilha a cena com outros companheiros, os focos se espalham, as dimensões cênicas são múltiplas, mas ali, estando em presença única, simplesmente tudo que eu fizer vai ser absorvido, observado, pensado, julgado. Uma respiração, um movimento pequeno, a maneira de manipular um objeto vão ter proporções oceânicas e eu precisava estar mais atenta, infinitamente mais atenta para tudo que fosse compor a cena. Isso significava observar cada mínimo detalhe de qualquer segundo em cena, basicamente.

Me agrada pensar que este não era para ser um monólogo onde não se espera uma atriz extremamente emocionada com suas próprias narrativas ou cultivando uma poesia bastante subjetiva como é normalmente presenciado em apresentações solo, sobretudo, de mulheres. Nada contrário a estes trabalhos, inclusive muitas vezes sou fã, mas este não me remete a nenhuma apresentação que eu já tenha visto, um presente e um abismo, eu sei, mas foi justamente isso que me fez ficar completamente apaixonada pelo texto. Não é um monólogo esperado. Nem mesmo pretendia entregar uma personagem esperada e não é apenas por pretensão ou por vontade de ser notada – que também não há nada mal – mas acredito que seja um ato de dignidade com o meu fazer artístico e com tudo que quero conquistar com ele. Afinal, o texto é bastante inovador pela temática, ainda mais para ser feito por uma pessoa. Essa realmente não é uma peça comum de estar em circulação, pelo tema e pela proposta.



Foto:
Adriana Marchiori

Na afirmação de Carol Gilligan “Na medida em que os acontecimentos das vidas e histórias das mulheres interferem em seus sentimentos e pensamento, uma preocupação com a sobrevivência individual vem a ser rotulada como “egoísta” e tende a ser contraposta à “responsabilidade” de uma vida vivida em relacionamentos. E por sua vez, a responsabilidade se torna, na sua interpretação convencional, confundida com uma responsabilidade para com outros que impede um reconhecimento do eu.” (1982, p. 137), podemos destacar que para a nova vida da personagem sendo mãe e militar esse seria uma possível questão, mas do contrário, a piloto não carrega essa sensação de egoísmo ou culpa por relegar a sua esperada condição de cuidadora principal da filha para o marido e em momento algum faz maiores questionamentos a respeito, demonstrando assim o quanto esse “reconhecimento do eu” mencionado anteriormente não é mais afetado. Ela é dona de tudo que conquistou. Ela fez uma filha e carrega no peito uma Dog Tag com o seu nome.

Eu sou tantas dentro da minha própria vida
Que as vezes eu não me reconheço
Não sei onde começa uma coisa e termina outra
Termina?
Eu levo um susto me encarando no espelho
Ou quando vejo uma delas vir de repente
Quem é essa daí?
Às vezes eu preciso me reapresentar para mim mesma
Os outros nem percebem
Só eu estou comigo todos os dias o dia todo
E nem eu dou conta de tanto eu
E de quem quer seja essa daí
Bailarina ou pugilista
O que eu quero te dar,
Eu escolho



Nessa cena, a piloto faz um strip-tease ao contrário para satisfazer as fantasias sexuais do companheiro, colocando seu uniforme de trabalho.
Foto: Caio Jaeger.

Ao retornar à Força Aérea após o nascimento da filha, a piloto é rebaixada na sua função, não sendo mais uma piloto de caça - que era a sua paixão -, mas sim uma piloto de drone, fechada em um trailer sem o céu como companhia. O combate já não é mais direto com o inimigo, o que não minimiza os danos que ela vem a sofrer durante a peça. A partir do momento em que ela percebe, mesmo dentro do grau de insanidade que ela já se encontra em uma certa altura do texto, que o futuro alvo pode ser qualquer pessoa, mas principalmente uma pessoa amada – nesse caso, a filha -, o giro na percepção e na incapacidade de continuar liderando a missão são inevitáveis. Havia outro drone em cima dela. Ela já não é tão fodona assim, como o Comandante costumava lhe chamar.

Sempre há alguém acima e abaixo de nós, não importa o que seja. Para o final da peça pensamos em propor uma operação kamikaze para a personagem, como resultado da somatória de efeitos colaterais da vida em guerra e ao da vida materna, como demonstra a foto. Não há modo repelente para não sofrer os impactos devastadores de estar em uma guerra e dar-se conta que o alvo também é uma pessoa, com uma história, com um futuro.

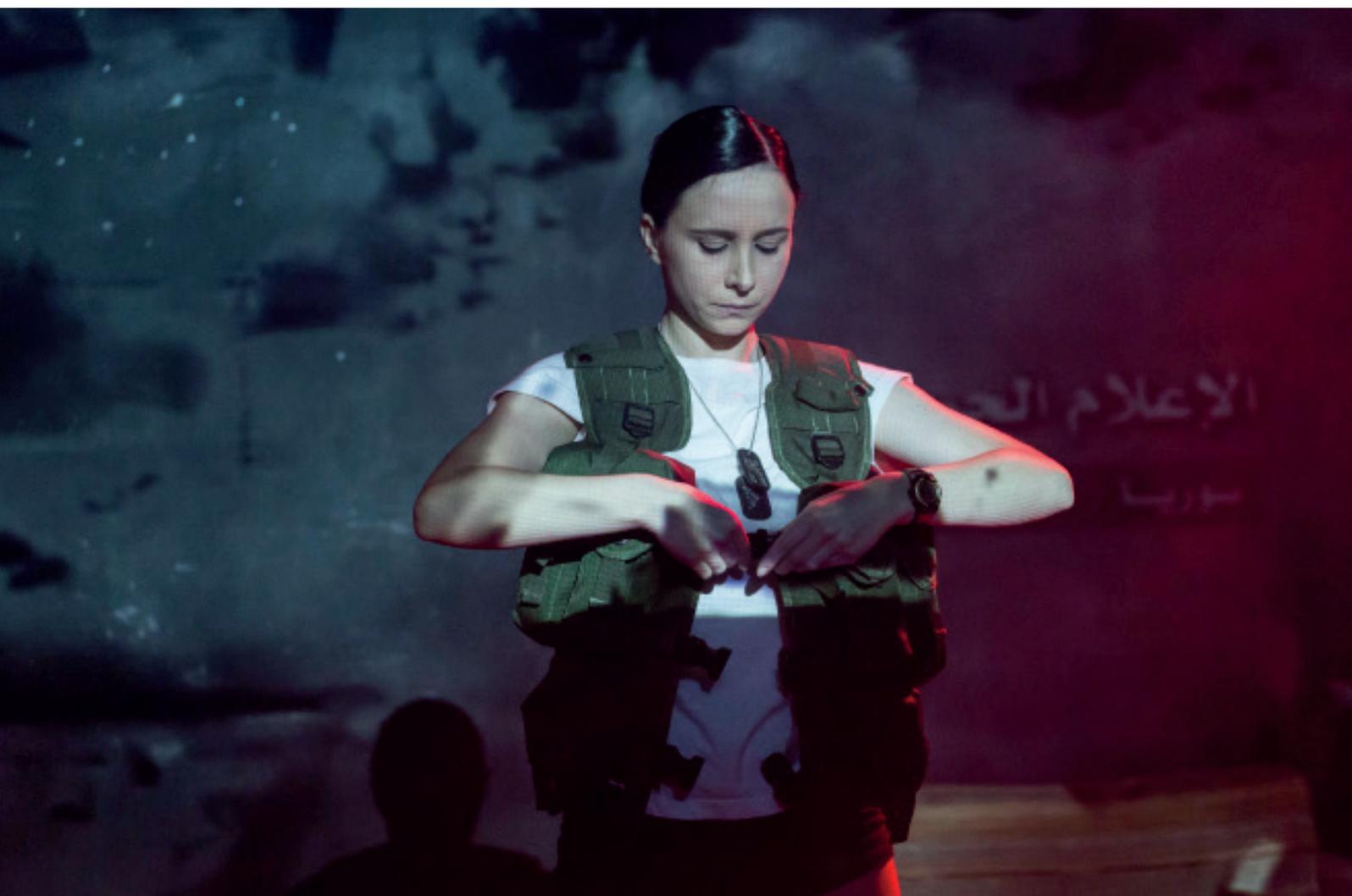


Foto de Adriana Marchiori.



Foto de Iuri Minfroy

Essa é a fuga. Eu faço ela todos os dias. Eu quero estar no céu, mas eu também quero estar na terra. Eu quero poder escutar a respiração do homem que eu amo dormindo ao meu lado, mas eu também nasci para outra coisa. Eu era Deus antes de você chegar. O amor entra na vida com desaforo e faz os planos passarem trabalho. Eu não me arrependo. Eu faço de novo. Todos os dias eu faço de novo. E fujo de novo.

PESQUISA E ENTREVISTA FEITAS COM PILOTOS, DA PRIMEIRA TURMA FORMADA POR MULHERES NA ACADEMIA DA FORÇA AÉREA (AFA), NO ANO DE 2006, COM INGRESSO EM 2003. AS IDADES DAS ENTREVISTADAS VARIAM ENTRE 22 E 25 ANOS. PARA MAIORES INFORMAÇÕES, VIDE VOZ DAS INFLUÊNCIAS TEÓRICAS.

“Metade das participantes afirmou já ter tido problemas de relacionamento afetivo devido à profissão escolhida. Em todos os casos, isso se deu devido à distância física entre elas e os namorados. (...) Cabe observar aqui que, segundo as entrevistadas, os homens não têm a mesma dificuldade, o que pode apontar para o fato de que parece prevalecer a ideia, bastante difundida no discurso social, de que, enquanto a profissão é algo fundamental na vida de um homem – ainda que muitas mulheres agora também invistam em uma carreira profissional –, para as mulheres, o casamento e a família ainda têm um peso bastante grande – impondo limites às suas escolhas profissionais e aos relacionamentos afetivos –, mesmo quando afirmam que a carreira escolhida – como é o caso das mulheres aviadoras que entrevistamos – tem uma importância fundamental em suas vidas. Assim, apesar da sociedade e das próprias mulheres e homens continuarem a achar “natural” que uma mulher abandone tudo, inclusive a carreira profissional para seguir seu marido, o mesmo parece não se verificar no caso dos homens.”

“Embora queiram ser mães, todas – com exceção de uma das entrevistadas – acreditam que terão grande dificuldade para conciliar carreira e maternidade devido à profissão que exercem. Os motivos mencionados foram os mais diversos, variando de viagens e mudanças frequentes de cidade, e até mesmo de estado, à recuperação do condicionamento físico – tão importante para sua profissão – após o parto.”



Foto de Mauricio Casiraghi.

“Cabe destacar, também, que os homens constituem o parâmetro utilizado por elas para se referir a tudo o que fazem. Falas como “é necessário fazer o que os homens fazem”, comuns nos discursos das entrevistadas, talvez resultem do fato de estarem sendo as primeiras mulheres em uma carreira até então destinada somente a homens.”

“A militar Carla Borges pilotou pela primeira vez, há dois anos, o avião que transportava o ex-presidente Michel Temer. Agora, ela comanda a aeronave do atual presidente, Jair Bolsonaro.”

Beatriz Jucá, para o El País - Brasil.

“No ano passado, apenas 2,9% das 14.380 licenças para piloto comercial de avião validadas pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) eram de mulheres. Em 2017, este percentual era de 2,8%. A baixa participação feminina mostra que a aviação comercial brasileira ainda é bastante masculinizada. Para se ter uma ideia, o percentual feminino com licença de piloto de linha aérea de avião — o topo da carreira — mal chegava a 1% do total de 5.211 licenças em 2018.”

Beatriz Jucá, para o El País – Brasil.

“A Aeronáutica é a Força Armada do Brasil com o maior número de mulheres em seu efetivo. São cerca de 9.820 mulheres atuando, segundo dados de 2015.”

Lane Barreto, para o Ministério da Defesa.

“Em companhias aéreas brasileiras, o número de mulheres no comando de aviões é baixo. A Azul tem 53 mulheres, entre comandantes e copilotos, para um total de 1.657 pilotos homens. Na Latam, há 30 mulheres pilotas - sendo 8 comandantes - dentre um total de 2.008. Na Gol, são 30 mulheres pilotas - sendo 6 comandantes.”

Barbara Bigarelli, para o Época Negócios.

TODAS AS INFORMAÇÕES EXTRAÍDAS DAS REPORTAGENS ESTÃO COM OS DADOS COMPLETOS EM VOZ DAS INFLUÊNCIAS TEÓRICAS.

voz das influências teóricas

BARRETO, Lane. Mulheres nas Forças: Aeronáutica é a Força que possui o maior contingente feminino. Reportagem feita para o Ministério da Defesa. Brasília, 11 de março de 2016. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/index.php/noticias/18842-mulheres-nas-forcas-aeronautica-e-a-forca-que-posui-o-maior-contingente-feminino>>. Acesso:14 de julho de 2019.

BIGARELLI, Barbara. Os desafios das mulheres na aviação brasileira. Reportagem feita para a Época Negócios. 22 de ago de 2018. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2018/08/os-desafios-das-mulheres-na-aviacao-brasileira.html>>. Acesso em 18 de julho de 2019.

BRANT, George. Grounded. Performance Draft, 2011.

BRANT, George. Entrevista sobre a peça “Grounded”. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/stage/2017/feb/28/drone-pilot-drama-grounded-gate-theatre-lucy-ellinson-anne-hathaway>>. Acesso em 30 de set. de 2019.

BROOK, Peter. O ponto de mudança: quarenta anos de experiências teatrais: 1946-1987. Tradução de Antonio Mercado e Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. Página 16.

DESPENTES, Virginie. Teoria King Kong. Tradução Márcia Bechara. São Paulo n: -1 edições, 2016. Página 9.

DIAS, Belidson. Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes. Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf>>. Acesso em 06 de dez. de 2019.

GILLIGAN, Carol. Uma Voz Diferente. Rosa dos Tempos. 1982 – 1ª Edição. Páginas: 137 e 183.

GROTOWSKI, Jerzy. Em busca de um teatro pobre. Tradução de Aldomar Conrado. Editora Civilização Brasileira S.A.; Rio de Janeiro. 1992, 4ª edição. Página 201.

JUCÁ, Beatriz. A saga das mulheres para comandar um avião comercial. Reportagem para o El País – Brasil. São Paulo, 08 de março de 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/07/politica/1551967292_431584.html>. Acesso em 22 de junho de 2019.

LEPAGE, Robert. EX MACHINA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kYswTsuzD-FQ>>. Acesso em 22 de julho de 2019.

LISPECTOR, Clarice. Correspondências. Organização de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. Página 164.

MADONNA. Killers Who Are Partying. Disponível no álbum “Madame X”, lançado em 2019. Faixa 6.

NOVARINA, Valère. Carta aos atores. Tradução Ângela Lopes Leite. Disponível em: <https://retrateinterior.files.wordpress.com/2014/10/carta_aos_atores.pdf>. Acesso em 12 de outubro de 2019.

PRECIADO, Beatriz. Manifesto contrassexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014. Página 12.

ROMANO, Lúcia Regina Vieira. De Quem É Esse Corpo? – A Performatividade do Feminino no Teatro Contemporâneo. Tese de Doutorado. Departamento de Artes Cênicas/Escola de Comunicações e Artes/USP, 01/06/2009. Página 34.

SINCERICÍDIO. Dicionário Informal. Disponível em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/sinceric%C3%ADdio/>>. Acesso em 07 de dez. de 2019.

SANTOS, Marina Miranda Lery; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Mulheres na Força Aérea Brasileira: um estudo sobre as primeiras oficiais aviadoras. Estudos de Psicologia, 15(3), setembro-dezembro/2010, 259-267.

SOUZA, Lizandra. Afinal, o que é feminismo interseccional? Disponível em: <<http://diariosdeumafeminista.blogspot.com/2016/11/afinal-o-que-e-feminismo-interseccional.html>>. Acesso em 11 de dez. de 2019.

anexos

imagens

que me fizeram sonhar
com a minha piloto



Mara Baldasso, minha mãe.
Grávida de mim pilotando
caminhão.
Acervo pessoal (1994).

Fabianna, caminhoneira
transgênero, no documentário
dirigido por
Brunna Laboissière (2018).





Coronel Jeannie M. Leavitt,
da Força Aérea Americana,
primeira piloto de combate.

Maj Stephanie Kelsen apelida-
da de “Vapor”, foto inspiração
da obra de George Brant,
“Grounded”.
Foto de Shlomit Levy Bard.



trechos de texto utilizados para a peça

A PILOTO

Isso sou eu
Essa é quem me tornei através de suor e cérebro e vísceras
É mais que uma roupa
É a velocidade
É a força da gravidade pressionando você de volta enquanto você rasga o céu
É a corrida
É a Vapor
Minha menina que me embala me levanta
É mais
É o respeito
É o perigo
Eu estava sozinha na vastidão
Eu estava no azul por uma razão
Eu tinha mísseis para entregar
Eu fazia tempestades no concreto abaixo de mim
As estruturas que brotavam da areia
Eu as destruía e devolvia para o deserto, como partículas, areia
Pelo menos eu acho que devolvia
Eu já estava muito longe no momento em que o estouro acontecia
Vapor e eu estamos em outro pedaço de céu
BOOM
O exército de Saddam e eu em casa de licença
Partir é bom, mas é devagar
O azul está em qualquer lugar, mas longe

Então eu vou para um bar
Bar de piloto
Eu e os garotos contamos histórias de voos
A gente tenta colocar em palavras
Mas a gente nunca consegue
Um cara chega em mim, um cara sempre chega
Não, não sempre
Requer coragem
Difícil de casualmente se aproximar de um grupo bêbado da Força Aérea de folga
Ele vai passando por cada um para chegar até mim, ele com certeza não é piloto de primeira viagem
Mas o cara consegue
Ele é um amor, eu digo direto pra ele quem eu sou o que eu sou
Eu aprendi a não esperar
Assim que eles descobrem
Eles tendem a correr
A maioria dos caras não gosta do que eu faço
Sentem que são menos homem perto de mim

Mas esse não
Os olhos desse brilham, esse acha que é legal
Ele não tem medo de me beijar
Ele é o Eric
Eu o levo pra casa
A gente fode
Depois ele pede para eu colocar meu uniforme
Ele diz por favor
Eu digo só uma vez

Então algo muda
Se desestabiliza
“Eu preciso voltar”

Eu estou de volta
Primeira vez que fico triste em ir embora
O Eric trabalha na loja da família
Como um filme anos 50
Eu tenho minha mulherzinha em casa agora por quem eu estou lutando
Sorte que eu tenho merda para me distrair
Eu tenho uma guerra
É bom estar de volta sozinha no azul

Na volta pra base eu ligo a webcam
Eric com um pequeno delay
Ele sente minha falta
E eu a dele também
Eu ganho peso
O amor pesa
Eu sinto o cinto apertado contra a minha cintura
Faço um teste
Rosa
Eu estou rosa
Rosa
Caralho
Não posso voar com isso
Com ela
Eu sei que é ela
Eu não posso
Regras e regulamentos
Eu tenho um assento ejetável
E ser ejetado, é ser ejetado
Um aborto pela força da gravidade

Tenho um último voo
Nós duas
Pra ela poder ter uma prova do que isso significa
Ter isso no sangue dela
Deixar ela saber que tem isso

Que isso pode ser dela um dia
Que ela não vai precisar arrumar cabelo
Ser uma patricinha
Ou uma dessas pessoas, carente, de merda
Lá tem isso
Lá tem azul

Digo adeus pra Vapor
Eles me dispensam
Me colocam atrás de uma mesa
De volta pra terra
Aterrada
O pesadelo de um piloto
Eric acha que eu ainda estou no deserto ainda voando
A garota das suas fantasias no alto do céu
Eu não sei o que contar a ele como contar
Não sei o que ele vai querer como nós vamos fazer
Mas decido que vale a pena descobrir
Vou me encontrar com Eric
Já sei que vou ter enjoo durante a viagem toda
Eu não posso esconder mais minha barriga
Essas bostas de estrias
Eu não sou a mesma
Eu não sou quem ele
Cale-se
Engole o choro e toca a campainha

Ele abre a porta
Me olha
Ele chora na hora
Toca minha barriga e beija ela e eu sinto que as coisas mudam de novo
Então somos três
Estou certa
É uma menina
Samantha
Sam

Comandante
Estou pronta para subir
Eu e a Vapor
“Novo avião”
Avião novo? Mas e a Vapor?
“Esquece a Vapor. Novo avião, o mais moderno”
Posso vê-lo?
Isso é um drone. Você me quer na Chair Force de novo? De novo atrás de uma mesa? Isso é uma piada, isso é um drone.
“Cuidado, não é assim que se chama. Isso é o que a gente precisa agora. Isso é a guerra”
Vocês não gastam um milhão de dólares para eu pilotar um avião de controle remoto
Vocês precisam de pilotos de caça

Vocês sempre precisam de pilotos de caça
Eu estou sendo punida por ter ficado grávida?
“Não, não, escute. Você vai perseguir os chefes de verdade”
Senhor, ninguém nunca volta da Chair Force
“Eu sei, você vai precisar um tempo para se acostumar”

Senhor, com todo o respeito...
“Major? Cala a boca. Eu não estou te pedindo pra desistir disso. Porque coisas fudas vão surgir. Os drones? 5 anos, no máximo. Dois, não, em um ano os drones vão reinar, e você, paciência. Você vai ser fodona de novo. Dispensada”

Eric, o que você acha de Las Vegas?
Vou operar na Base da Força Aérea em Nevada
Não vou morar na base não tem quartel lá
Vou trabalhar sete dias por semana em turno de 12 horas e depois toda noite eu volto pra casa com você e Sam. Vou ver minha filha crescer. Vou dar beijo de boa noite toda noite. Sem tiros. Sem mísseis. A ameaça da morte foi removida das nossas vidas
Viva
Viva, Las Vegas

Vamos conhecer os drones?
A primeira e última vez que vamos ver um
Ridículo
Um monte de pilotos aterrados olhando para um avião sem piloto
Um avião sem cabine
Um pássaro sem olhos
E a nave não é nada cega
Tem o melhor sistema de câmera montado no seu chassi
Radar térmico
Laser
Mísseis teleguiados
Hellfires
Você aciona o controle
Em 1,2s ele se move
1,2s de qualquer lugar do mundo
Eles nos dizem milhares de vezes... 11 milhões de dólares!

A gente arranja um lugar pequeno no subúrbio
Nós caminhamos pelas avenidas de Vegas algumas vezes
A gente vai a alguns shows
Nem me fale, é uma bosta
O Eric aponta para o céu e conta para Sam “aquela é a mamãe, lá é onde ela mora”
Mas ela não entende e não é mais onde eu moro e eu digo para ele parar
Sam sente falta de mim nas horas do jantar, implora para ficar acordada até eu chegar em casa
Eu digo a ela que é tarde demais, mas vamos fazer as manhãs extra-especiais
Eu falo como uma mãe agora

Esse é um dos trailers que a gente tem
Um dos muitos que nos isolam completamente do céu, mas com ar-condicionado
Tudo bem

Me indicam essa cadeira
A minha direita está um pirralho de 19 anos
Ele vai controlar as câmeras
O jovem de 19 anos faz isso já há algum tempo
Eu tenho uma equipe agora, ganhei uma insígnia da Chair Force
Vamos lá
Na minha frente está uma tela a dezoito polegadas do meu rosto
Eu tomo os controles
Eu olho para o deserto
Lá eles estão doze horas à frente
Noite
Esquisito
Eu olho para a tela
Não é como um videogame, que tem cor
Eu só vejo cinza
Um mundo esculpido em massinha
Como alguém que tomou o tempo para esculpir um mundo para eu olhar doze horas por dia, em alta definição
Missão do dia
Fornecer suporte para uma tropa militar
Certifico que nenhum bandido esteja plantando qualquer explosivo
Me dizem para guiar meu avião por uma estrada
Me dizem para voar para a esquerda
Esquerda direita esquerda direita esquerda
Me disseram para orbitar
Para circular um ponto no chão
Apenas cinza
Nada
Nada
Nada
Nada
Eu sou acordada pelo riso da minha equipe
Eu adormeci e bati minha cabeça na tela e isso é engraçado
Acontece que eles estavam apostando quanto tempo levaria
Todo mundo faz isso eles dizem
Mais cedo ou mais tarde todo mundo
Eu vejo algo
Zoom em um grupo de homens ao lado da estrada
Eles são garotos de idade militar
As câmeras são tão boas que você pode identificar
Você pode dizer quantos anos se são mulheres homens crianças
Você não pode ver o rosto deles
Mas você não precisa, sua mente os preenche
Eu notifico a equipe
Aguardo confirmação
O fone de ouvido denuncia os homens como culpados
Eu sinto meu pulso acelerar
Minhas mãos estão encharcadas de suor
Eu não estou lá eu não posso morrer a ameaça da morte foi removida não há nenhum perigo para

mim, nenhum eu sou o olho no céu não há perigo, mas meu pulso acelera por que ele acelera eu não
estou em combate se combate é risco se combate é perigo se combate é combate eu não estou nele
Não é uma luta justa
Mas acelera
Espero as pessoas na tela se aproximarem
Apenas um pouco mais perto
Lá
Eu aperto o botão
Eu acompanho a tela
Um momento
E um estrondo cinzento e silencioso
Isso voando devem ser partes de corpos
Opa
Um deles ainda está vivo
Preparar disparo
Em 5, 4, 3, 2, 1
Eu aperto o botão

Nós celebramos
Os culpados se foram
Eu fiz isso
Nós fizemos isso
A tropa nos agradece
Eu estava voando eu era aquele drone

“Seu uniforme”
Eric diz
“Por que você ainda está com o seu uniforme?”
Eu penso em algo
Ele pergunta como foi o meu dia
Eu digo a ele que foi bem, mas eu digo a ele de uma forma que ele sabe que foi mais do que bem, que
eu matei hoje
Talvez esse seja o nosso código
Toda vez que eu voltar para casa de uniforme
Ele saberá se eu fiz bem hoje se eu feri o inimigo

Estou vendo um Jeep, ele está rápido demais
Quem dirige um Jeep num deserto?
Não consigo ver quem está nele, mas a velocidade é culpa o suficiente
Minha equipe analisa
Os deuses dos fones de ouvido
O Olimpo debate o destino do pobre jipe
Olimpo é um trailer no meio do deserto
O julgamento é emitido
Dou ao jipe tempo de vantagem
E aperto o botão

Nós deveríamos fazer um anúncio:
Atenção Pessoas do Deserto Cinzento

Tudo é vigiado
O momento em que você pisa fora
Você está sob suspeita
Isso seria justo

Eu ganhei licença
Uma semana
Eric oferece para tirar também
Não
Acho que não
Sam e eu precisamos do nosso tempo especial
Primeiro dia de licença levá-la ao shopping
Está quente demais para andar por aí, mas eu preciso andar para me mover eu não me movo mais o suficiente
Sam está pulando para cima e para baixo
Vejo o pequeno ponto preto no canto da parede
Eles estão nos observando
Alguém está nos observando
Mas Atenção Pessoas do Shopping Boulevard:
Minha filha não é a culpada e o carrinho dela não é um jipe
Nós somos inocentes
Vocês nos deixarão passar
Eu vou para um provador
Procuro a câmera
Não consigo encontrar
Mas há sempre uma câmera
Eu penso neles
Os jovens de 19 anos que vigiam os provadores
Ou talvez você tenha que ser mais velho para assistir pessoas nuas
Onde é a sala deles?
Eles estão no porão?
No estacionamento?
Eles poderiam estar em qualquer lugar
Sam e eu saímos do shopping
Nós chegamos em casa
Ela quer que eu brinque com os pôneis
Pôneis em todo o lugar
Pôneis rosa
Continuamos tentando afastá-la deles
Eric mais que eu
Mas sem sorte
Eles não fazem drones na loja de brinquedos
Mas dê tempo
Cinco anos no máximo
A semana passa, eu volto
Já estava na hora da família feliz saudar seu herói
Todos os dias eles me cumprimentam da guerra
A odisseia
Seria um livro diferente

Se Ulisses voltasse todos os dias para casa

Nova missão hoje
Missão grande
Abater uma liderança
Estamos na caça
O número três
Nós vamos encontrá-lo e vamos eliminá-lo
Mas devemos ter calma
A certeza do alvo é a chave
Só pode ser ele
Certifique-se de que é ele
Positivo
O homem já está com o pé na cova
Nós iremos atingi-lo
Observo o comboio abaixo
Um desses veículos que parece ser o número três
O comboio pára no meio do nada
Um homem sai
Zoom
Uma mulher
O comboio se divide
Eu sigo o carro que eles me dizem para seguir
O que parece mais culpado
Não é o carro mais chamativo, mas é rápido
Parece um pouco com o meu
Eu sigo o carro até que meu turno termine e eu seja dispensada

Eu dirijo para casa
Não consigo respirar
Preciso de um pouco de ar
Mesmo que seja ar do deserto eu preciso de ar
Eu paro o carro
eu saio
Respiro o calor
Sinto meu coração se acalmando
E então eu ando
Eu não sei por que, mas eu ando pela areia, encontro centenas de cruzeiros marteladas na areia
Nenhum nome apenas cruzeiros
Alguém as colocou aqui
Então eu volto para o carro
Muito difícil ir para casa hoje
Eu fico dando voltas na quadra
Torcendo para o Eric não estar olhando pela janela
Estaciono
Entro em casa
Eric estava preocupado que eu estava atrasada vê a areia em todo o carro
Eu não quero falar sobre isso eu vou até a Sam
Ela está dormindo profundo em sua cama

Eu olho para ela
Ela está cinza
Eu agarro ela
Ela não está respirando?
Eric acende a luz
A cor está de volta
Ela está rosa
Rosa é muito bom
Na manhã seguinte eu me despeço deles
Algo vai acontecer então eu beijo eles
Sam me faz beijar seu Pônei também
E eu beijo essa merda desse Pônei

Eu sigo o profeta
Eu sigo o seu carro meu carro
Será hoje
Eu sei que será hoje
Eu serei a única
Eu serei a única a te apagar
Você é o Profeta, mas eu sou Deus
E você não fala por mim
Onze horas nada
Paciência
Paciência
Meu carro desvia do deserto
Chega a uma aldeia
Ele para em frente a uma casa uma casa humilde
O fone de ouvido fica animado esta é a sua casa é onde ele mantém uma de suas esposas
Ninguém na equipe entende o que está acontecendo
Eu compreendo
Deus compreende
Ele só está olhando
Olhando pela janela
Ele queria vê-los só isso
Uma última vez
Queria ver os que ele ama
Merda
O carro se afasta
Minha última chance
Na tela
Uma menina corre em direção ao carro
Uma menininha
E milagre
O carro para
A porta do passageiro se abre
O profeta sai
Ele está acenando para longe do carro tentando mantê-la segura
O fone de ouvido grita “é ele é ele”
Meu jovem de 19 anos bloqueia a mira a laser

Eu espero a chamada para apertar meu botão
Para enviar o profeta para o inferno
Em 1,2 segundos Deus vai chamar seu Profeta para casa
Mas então
A menina
O rosto dela
Ela para de correr e eu vejo
O rosto dela
Eu vejo claramente
Eu posso vê-la
Não é a filha dele, é a minha
É a Sam
Ela tem o Pônei na mão, ela queria mostrar para ele
A equipe grita fogo e meu polegar tem ordens para aniquilar, mas é ela é ela e eu não posso matá-la
eu não posso
A tela
Eu tenho que tirar a Sam da tela
Eu não controlo a câmara a câmara está em Sam
Eu não controlo a câmara
Mas eu controlo o avião
Eu puxo o acelerador com as duas mãos
Eu coloco o drone de cabeça para baixo
Eu deixo o fone de ouvido cair no chão
Eu não sou mais isso eu não sou o time eu estou sozinha de novo e eu vou salvar minha filha
Eu viro
Esperando ver todos os olhos em mim
Mas eles não estão
Os olhos ainda estão na tela
Sam está de volta na tela
Por que ela está de volta na tela?
Meu comandante está aqui ele sorri um sorriso triste que diz
“Nós estávamos de olho em você Major
Por semanas
Os sinais de aviso
Tudo é vigiado”
É por isso que ela ainda está
Havia outro drone acima de mim eu não sabia que havia outro deus acima de mim mas havia
Outro piloto outro trailer
Sam
Eu pulo do meu assento mas sou retida
Meu jovem de 19 anos me segura
Em algum lugar o botão é empurrado
Eu grito para a tela
Eu assisto
Eu assisto o Profeta
Sam por favor Sam Sam Sam
O Profeta ele agarra ela com seu abraço protege seu minúsculo corpo da melhor maneira que ele
pode embaraça ela em seus braços tão apertados
Obrigado

Shukran

A equipe aplaude enquanto minha filha morre
Enquanto seus braços e pernas voam em direções separadas
Seus restos misturados com o carro e o Profeta e a areia
Seus restos se dissolviam no cinza
Há apenas o cinza agora
Apenas o cinza
Aqui é cinza
Mas é concreto não areia
Esta é minha casa agora
Minha corte marcial
Eu estou aqui
Aterrada
Eles devem ter levado o meu uniforme
Mas eu ainda vejo que ainda está aqui
Eu ganhei ele
Eu ganhei através de suor e cérebro e coragem
Coragem eles nunca vão entender
Coragem você nunca vai entender
Você
Você que me assiste
Que me observa assiste todos os meus movimentos aqui e eu sei que você me assiste eu sei que há
uma câmera em algum lugar porque tudo é testemunhado
Você que abateu minha filha
Você que me prende em um túmulo e pensa que está seguro
Saiba que você não está seguro
Saiba que você pode me manter aqui para sempre você pode me enterrar em um bunker cinza, mas
que não te protege por um dia, será sua vez a vez da sua filha e sim embora você marque toda e
qualquer porta com sangue ninguém será poupado ninguém.

Nota de esclarecimento: originalmente, o texto segue uma estrutura beirando a não pontuação, que procuramos (Maurício e eu) manter a medida do possível como tradutores e adaptadores da obra, de acordo à ideia do autor.